

# pendular

AVISO

EDIÇÃO Nº 6/6  
LISBOA-MADRID  
GRATUITO

Papel 100%  
reciclado

## DESTRUIÇÃO E CALAMIDADE POR TEMPESTADES EM PORTUGAL

Estas tempestades, associadas às alterações climáticas e amplificadas por práticas que degradam os sistemas naturais, evidenciarão falhas estruturais do Estado, do ordenamento do território à proteção civil, passando pela política de prevenção e a própria resposta à catástrofe, como em Valência, em 2025 - 03

## O QUE COMEMOS E NÃO SABEMOS

Comer deixou de ser um ato quotidiano de autossuficiência para passar a depender das estruturas económicas e tecnológicas do capital, ao ponto de não sabermos o que contém aquilo que levamos à boca - 02

## AFINAL, O QUE É A PALANTIR?

A Palantir está neste momento a desempenhar o papel da etnologia nazi dos anos 30, dando pistas aos mercenários de extrema-direita que compõem a agência federal - 02

## MASTIGA, DEITA FORA

Neste sistema económico, fabricar algo resistente e duradouro não te torna rico; pelo contrário, empobrece-te, porque precisas de melhores materiais e de melhor mão-de-obra para fabricar algo de maior qualidade - 03

# TRABALHAR MATA E QUEREMOS VIVER

Mas conseguem imaginar se não fosse necessário chegar à reforma para poder desfrutar plenamente da vida? Imaginem o que seria viver e experimentar a existência sem as pressões do capitalismo, sem o dever de trabalhar uma vida inteira para poder consumir bens de primeira necessidade ou conceder-nos algum capricho - 05

## A CONTINUIDADE COLONIAL

As políticas de Migração e de trabalho actuais, que vão sendo desenhados nos territórios dos países europeus, então potências e impérios coloniais, a somar às políticas neocoloniais de extração de bens nos territórios então colonizados, a que a linguagem política burguesa actual chama de cooperação, mantém o ideal e o legado desse passado - 07

## EUA SAQUEIAM PETRÓLEO

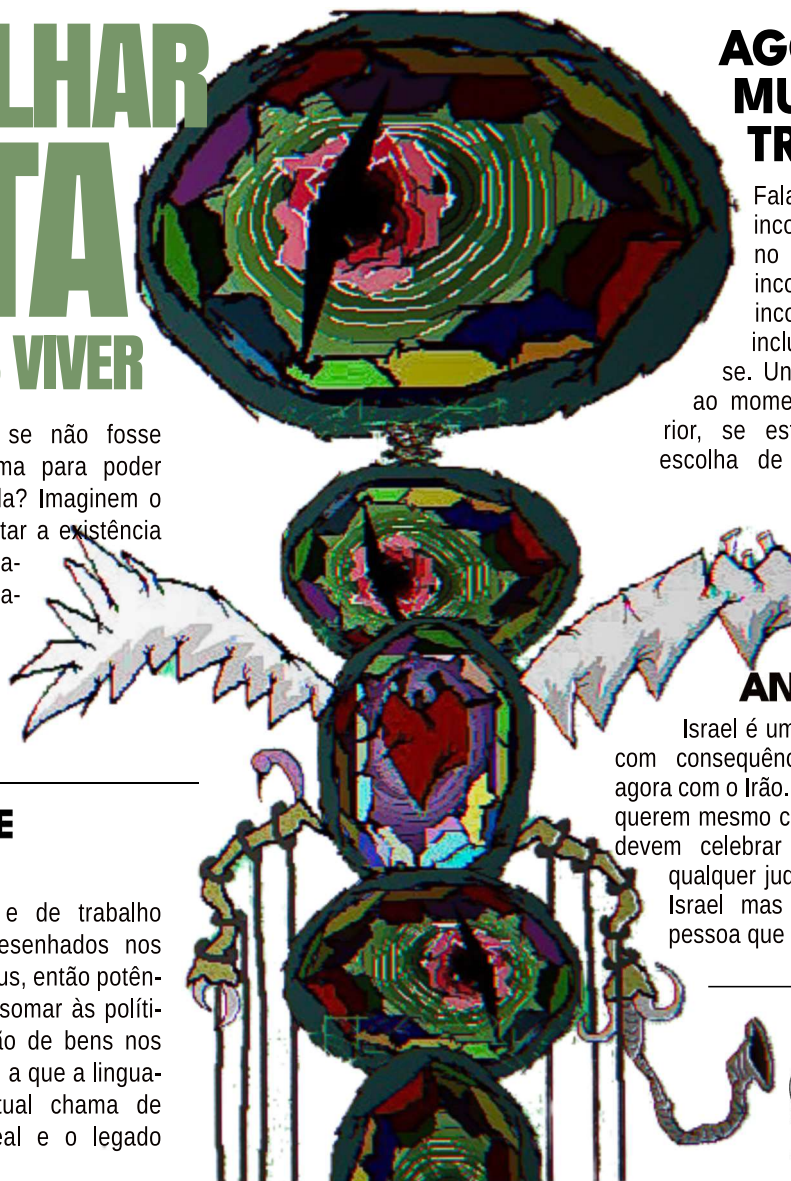
A operação militar pelos Estados Unidos da América de sequestro do presidente venezuelano simplesmente colocou ainda mais a nu a farsa do "direito internacional" e a quem ele se aplica - 03

## BEBAMOS NA RUA, OCUPEMOS A CIDADE

Comprar uma litrosa na mercearia e ir beber na rua? Coisa de vagabundo. Sentar numa esplanada e beber cerveja ao triplo do preço? Já é a «vibrant nightlife™» que merece ser promovida em revistas de turismo. Um facto curioso: na rua Augusta, há mais de 1200 cadeiras de esplanada, mas nenhum banco público - 04

## O HORIZONTE DE EVENTOS (segunda parte)

Paula compreendeu o que estava a ver e isso trouxe-lhe alívio. Tivera a oportunidade de viver uma experiência irrepetível. Agora sabia que, numa versão do universo, poderia desfrutar da presença da filha. Na sua linha temporal, infelizmente, fora atingida por aquele ataque cardíaco que acabara com a sua vida - 08



## AGORA AS MULHERES JÁ TRABALHAM?

Fala-se muitas vezes da incorporação das mulheres no mundo do trabalho. A incorporação é a ação de incorporar ou incorporar-se, incluir-se, integrar-se, aderir-se. Unir-se a algo do qual, até ao momento imediatamente anterior, se estava separado. Curiosa escolha de palavra. Como é que alguém se incorpora em algo de que já faz parte? - 06

## ISRAEL E O ANTI-SEMITISMO

Israel é um Estado bully e terrorista, com consequências catastróficas, como agora com o Irão. As nossas sociedades, se querem mesmo combater o anti-semitismo, devem celebrar a diferença, acolhendo qualquer judeu que queira abandonar Israel mas também qualquer outra pessoa que aqui queira viver - 07



- 03

Rojelia y Tito Detrito

# aviso pendular

O nosso dia-a-dia ainda não nos pertence por completo. Passamos horas e horas a trabalhar e outras tantas a tentar encaixar o que queremos com o que parecemos. Ter uma educação formal, arranjar um bom emprego, casar ou reproduzir a espécie: quando é que vamos fazer estas e outras coisas porque realmente nos apetece, a partir das nossas identidades e diferenças mas sempre em conjunto?

E como organizar a destruição da sociedade em que vivemos sem conversarmos um pouco antes? Não queremos ter uma conversa com base no lucro, no castigo ou na autoridade. Preferimos a alegria em vez do medo, a paixão em vez do ressentimento e o amor em vez do poder. Queremos construir um espaço onde seja possível a inspiração e a expressão pessoal, construindo ao mesmo tempo uma rede comum, sem as manias da política especializada e da arte institucional. Queremos que a arte se transforme nas nossas vidas, a cada segundo que passa.

Talvez algum dia deixemos de ter que trabalhar horas a fio para poder comer, alugar uma casa e passar uns dias de férias algures, se der. Talvez algum dia chegue o momento em que cada qual será livre de fazer o que bem entende com a sua própria vida, sem que isso incomode quem quer que seja. Mas nenhuma pessoa será livre se não o forem também todas as outras. Nenhuma instituição ou governo nos vai conceder esse prazer de mão beijada, no entanto. A nossa emancipação, se a alcançarmos algum dia, destas vidas que temos que não são bem nossas, será obra das nossas próprias mãos. Não vai depender de mais ninguém nem de nenhuma cartilha, mas sim da nossa autonomia.

O que esperamos é que apareça uma multidão de forças, mesmo que assumidamente pequenas como a nossa, neste desejo de pôr a conversa em dia. Esta vamos tê-la numa terra comum, a península ibérica. É aqui que vivemos e agora que nos apetece conversar. Mas podia ser em qualquer lado e noutra momento qualquer!

## O QUE COMEMOS E NÃO SABEMOS

Dois estudos recentes das revistas *BMJ* e *Nature Communications* relacionam uma maior ingestão de determinados aditivos alimentares com um risco acrescido de doença: quem os consome em maior quantidade pode apresentar um risco 47% maior de desenvolver diabetes tipo 2 e 32% maior de cancro em comparação com quem os consome menos.

Entre essas substâncias encontram-se os nitritos e nitratos presentes em carnes processadas (E249, E250, E251 e E252), o aspartame, substituto do açúcar (E951), certos sorbatos utilizados na panificação e pastelaria industrial (E200, E202 e E203) e alguns conservantes e reguladores de acidez presentes em vinhos, molhos, entre outros (E260–E262, E224, E282, E330, E392). Alguns foram classificados como cancerígenos ou possivelmente cancerígenos pela International Agency for Research on Cancer. A sua utilização atual justifica-se com base no uso de quantidades controladas, mas surpreende que substâncias cuja ingestão elevada pode ser prejudicial sejam incluídas a cada dia nos nossos alimentos.

A lógica capitalista separou as pessoas da autonomia relativamente a algo tão básico como a alimentação. Os processos produtivos degradam o meio ambiente e deterioram a saúde coletiva; os produtos ultraprocessados geram padrões de consumo potencialmente aditivos que podem criar hábitos de ingestão compulsiva ou dependente e que afetam a saúde física e mental; e estes, por sua vez, geram doenças sistémicas das quais beneficia a indústria farmacêutica.

Comer deixou de ser um ato quotidiano de autossuficiência para passar a depender das estruturas económicas e tecnológicas do capital, ao ponto de não sabermos o que contém aquilo que levamos à boca. As empresas vêem-se agora obrigadas a dissimular com rótulos como o Nutri-Score, que ocultam a nocividade dos alimentos que nos vendem, "porque a simples verdade dos riscos presentes basta para constituir um imenso fator de revolta". AG

## REPRESSÃO E VIGILÂNCIA NA CHINA

O governo chinês continua a vigiar e controlar as suas populações. Os mais recentes avanços tecnológicos são usados pela burocracia neste sentido: a SenseTime é uma empresa, detida parcialmente pelo Estado chinês, que se especializa no reconhecimento facial e mais recentemente passou a usar inteligência artificial; Hikvision é uma empresa estatal especializada no fabrico de câmaras de vigilância; Skynet é o sistema que gere toda a videovigilância das mais de 700 milhões de câmaras de segurança que existem em todo o território chinês. No fundo, aquilo que não passou dum inexplicável miragem revolucionária, tornou-se, por falta de outra realidade, num novo foco da dominação.

Muitos países imitam a China nos seus próprios sistemas de vigilância. O norte-americano Edward Snowden admitiu que, ao descobrir os sistemas de controlo e vigilância postos em prática pela burocracia chinesa, viu o reflexo do seu próprio país, os Estados Unidos de América a sua agência NSA. E são cada vez mais as democracias europeias que também infestam as ruas com câmaras de vigilância e os movimentos sociais de polícias infiltrados.

Estes dispositivos servem muitas vezes para reprimir quem trabalha. As greves não estão permitidas na China e as que existem são ilegais, feitas de forma autónoma contra o Estado e os sindicatos. São as chamadas "greves selvagens". Não é de estranhar, então, que quando alguns estudantes apoiaram a greve na empresa Jasic em 2018, umas das principais figuras tenha sido presa. Yue Xin esteve desaparecida durante meses e foi forçada a gravar em vídeo a sua confissão. Mais recentemente, em junho de 2025, a organização China Labour Bulletin, que defendia e promovia os direitos dos trabalhadores, anunciou o seu fecho, de repente, por causa de "problemas financeiros". O certo é que, ao mesmo tempo, 6 dos seus membros foram detidos. No entanto, apesar de toda a repressão e vigilância, as greves ilegais na China não param de aumentar, sendo a origem de novas formas de luta. NR

## AFINAL, O QUE É A PALANTIR?

Alex Karp não é do conhecimento de um público muito alargado, nem tão pouco a empresa, baseada nos USA e cujo producto é o software orientado por IA chamado Palantir, no entanto a influência e poder fazem-se sentir quer em casa, quer fora de casa. A ICE está neste momento a utilizar software da Palantir para rastrear traços culturais das várias etnias que não são de países "ocidentais". Sotaques são utilizados como denúncia da origem, sendo que a ICE não diferencia pessoas documentadas de não documentadas, como demonstram os ataques às comunidades nativo-americanas.

A Palantir está neste momento a desempenhar o papel da etnologia nazi dos anos 30, dando pistas aos mercenários de extrema-direita que compõem a agência federal. Outro lugar onde a Palantir se fez e faz sentir é na Palestina, colectando dados pessoais de todos os cidadãos considerados de segunda aos olhos do etnoestado (Israel), sendo utilizados mais tarde para executar desde gestão de checkpoints a assassinatos de elementos da resistência, muita vezes em casa dos mesmos, com drones, à noite, a jantar, a deitar o filho, uma estratégia à qual os perpetradores deram perversamente o nome "Where's Daddy?". JT

# EUA SAQUEIAM PETRÓLEO

Perdido em fantasias de tanques, poder e dinheiro, o perigoso presidente dos EUA e a sua trupe de oportunistas, figuras sinistras que vão dos nazis aos magnatas e à indústria da guerra, querem agora saquear o petróleo da Venezuela, que tem as maiores reservas do mundo.

A operação militar de sequestro do presidente venezuelano simplesmente colocou ainda mais a nu a farsa do "direito internacional" e a quem ele se aplica, como se as dezenas de golpes, ditaduras, guerras e massacres patrocinados pelos EUA não bastassem. Quando invadiram o Iraque arranjaram uma desculpa esfarrapada sobre armas de destruição em massa. Agora falam de uma suposta guerra às drogas que já serviu como desculpa para controlar o continente inteiro durante o século XX, mas nem se preocupam em disfarçar que lhes interessa é só o petróleo.

Os olhos perturbados de Trump e das grandes empresas petrolíferas reluzem com cifrões com a liberalização do mercado do petróleo venezuelano. Algumas (BP, Shell, Repsol, Eni) já se apressaram a entrar na roda, acompanhando a Chevron, já presente no país.

Trump argumenta que está tudo sob controlo e o governo venezuelano devidamente amansado.

O governo venezuelano, de facto, não mostra resistência e quer cooperar, coagido pela violência imperialista. Fragilizado economicamente pelas sanções impostas pelos EUA há mais de 20 anos, na sequência da revolução bolivariana que nacionalizou o mercado do petróleo, tem vindo há anos a adotar medidas de austeridade, neoliberalização e ataque aos trabalhadores. Agora, a presidente interina Delcy Rodríguez faz visitas com governantes estadunidenses a plataformas de petróleo, ao mesmo tempo que finge ainda defender as ideias da revolução. Quer manter-se no poder e até alinhou no embargo de petróleo a Cuba, pois sabe que se não se comportar bem estão à espreita os perpétuos vassallos do império, personificados na patética vencedora do patético prémio Nobel da "paz".

Certo é que as pretensões imperialistas dos EUA estão aí como sempre estiveram, agora só um pouco mais à luz do dia do que no passado recente. RZ

# DESTRUIÇÃO E CALAMIDADE POR TEMPESTADES EM PORTUGAL

Ao longo do último mês, como afirmaram cientistas, Portugal foi alvo de uma combinação insólita de factores que criaram "as condições quase perfeitas" para uma espécie de "o comboio de tempestades" mais longo de que há registo e memória no país, e deixou um rasto de destruição e calamidade.

O "comboio" de condições meteorológicas extremas, devastou o país de norte a sul, tendo a zona centro, em particular em Leiria, sofrido as maiores consequências. As tempestades causaram pelo menos 18 mortes, destruíram habitações, património municipal e estatal e infraestruturas, sobretudo energéticas e vias de transporte.

Um mês depois, ainda há quem não tenha eletricidade ou telecomunicações na totalidade ou de forma estável.

Estas tempestades, associadas às alterações climáticas e amplificadas por práticas (especialmente industriais) que degradam os sistemas naturais, evidenciaram falhas estruturais do Estado, do ordenamento do território à protecção civil, passando pela política de prevenção e a própria resposta à catástrofe, como aliás já tinha acontecido em Valência, em 2025. Ao mesmo tempo, denotam a necessidade imediata da organização comunitária na busca e implementação de soluções baseadas nas suas necessidades, em respeito pelo território e pela natureza, e sustentadas em dados científicos como forma, não só de colmatar a ausência e negligência do Estado, como de assumirem o destino e governo das suas vidas, tornando-a viável, pois melhores que ninguém, prevenirão e mitigarão eficazmente os seus impactos, protegendo-se a si e a biodiversidade. CRM

# MASTIGA, DEITA FORA

Diz a lenda que, depois da II Guerra Mundial, um fabricante de meias em Inglaterra começou a produzi-las com o tecido que tinha sido inventado durante a guerra para reforçar os cabos dos paraquedas dos Aliados. Esse tecido, chamado nylon (do inglês NYLON, Nova Iorque + Londres), era muito resistente, por isso parecia uma boa ideia fabricar meias, algo que se estragava facilmente, com um material tão duradouro.

O fabricante vendeu praticamente todo o seu stock. «Vou nadar em dinheiro», deve ter pensado. Mas, quando toda a cidade já tinha comprado os seus pares de meias, não voltou a vender mais nenhuma. Porquê? Porque duravam e duravam e não era necessário comprar outras novas. Neste sistema económico, fabricar algo resistente e duradouro não te torna rico; pelo contrário, empobrece-te, porque precisas de melhores materiais e de melhor mão-de-obra para fabricar algo de maior qualidade. Mais vale produzir mais por menos dinheiro e fazer com que se estrague depressa, para que a roda nunca deixe de girar. É o obsolescência programada.

Recentemente existem vários exemplos que ilustram este problema: a Apple reconheceu em 2017 que abrandava de propósito modelos de iPhone para que se deitassem fora. A Microsoft deixou de dar suporte ao Windows 10 em 2025, obrigando a comprar equipamentos mais modernos compatíveis com o Windows 11. Vários fabricantes de impressoras programam os seus dispositivos para deixarem de funcionar após um determinado número de impressões, mesmo que não exista nenhum problema. Fabricantes de eletrodomésticos substituíram peças-chave de metal por plástico, que é menos resistente, para que se estraguem antes. Hoje em dia, muitos dispositivos eletrónicos que funcionam com bateria têm-na soldada à placa base, de forma a que, quando se degrada com o uso, não possa ser facilmente substituída e seja necessário trocar o dispositivo inteiro.

Como dizíamos antes, neste mundo em que vivemos parece que fazer as coisas bem é deitar dinheiro fora. Deixem-nos reparar as coisas e prolongar a sua vida útil, por favor. RGB

Rojelia y Tito Detrito



# BEBAMOS NA RUA

---

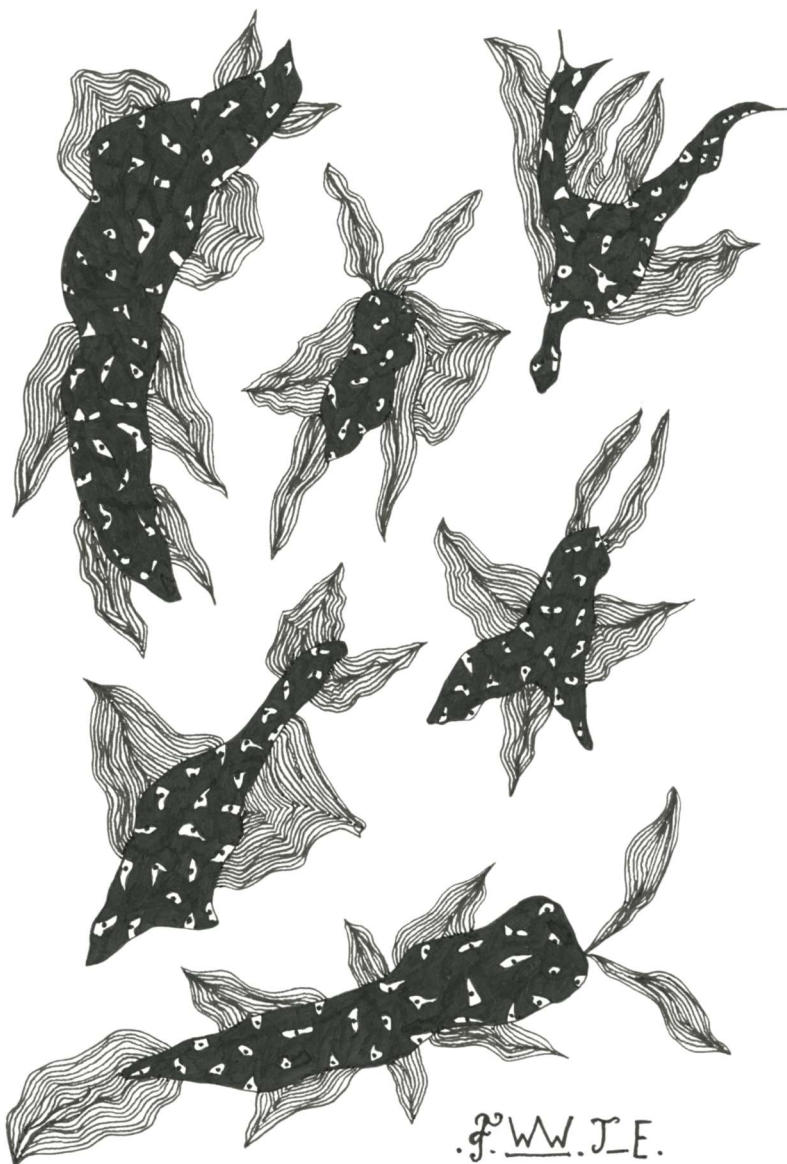
## OCUPEMOS A CIDADE

Entrou em vigor no município de Lisboa, no passado dia 16 de fevereiro, a proibição de venda de álcool para a rua a partir das 23h (ou meia-noite às sextas, sábados e vésperas de feriado). Agora, depois destas horas, já não é permitido comprar uma cerveja numa loja de conveniência ou num bar para ir beber na rua, é preciso beber no estabelecimento ou levar a bebida de casa – beber na rua em si continua permitido, pelo menos por agora, ao contrário das cidades espanholas, em que é proibido. Isto numa cidade cada vez mais privatizada e cara, em que os espaços populares de convívio, as tascas,

as associações e clubes recreativos estão a desaparecer ou a ser estrangulados pelo aumento dos preços e forçados a abandonar o centro da cidade. É um guião já conhecido: expulsam-se os moradores dos bairros populares, vêm os ricos à baila da fama boémia e de vida noturna que os bairros ganham e agora já não lhes convém ter gente a beber e a mijar na rua. Sobre o mijar na rua, diga-se, a solução era só haver muito mais casas-de-banho públicas e as que existem funcionarem durante a noite. Onde não houvesse era só colocar umas portáteis - é que para outras coisas não falta dinheiro.

---

## DO MUNDO À ETERNIDADE (FROM THE WORLD TO ETERNITY)



Para a gente com dinheiro que manda na cidade, e a vende às imobiliárias e aos endinheirados com vistos gold, ter gente a beber na rua só serve quando é para promover a ideia de cidade cosmopolita e vibrante. Se já está tudo vendido, dá mau aspeto, é coisa de pobre. Sim, de facto, quem trabalha aqui e ganha um salário mínimo, ou mesmo médio, não consegue certamente frequentar qualquer bar, desses pseudo-chiques-genéricos-azeiteiros, com cervejas a 4 euros e cocktails a 8. Nem muitos dos jovens que vêm dos subúrbios à sexta e sábado à noite, e que têm de esperar pelas 5 da manhã para apanhar o primeiro comboio ou barco de volta para casa. Nem grande parte dos estudantes que já se vêm à rasca para pagar um quarto e as propinas. Quem bebe na rua é muitas vezes quem não tem dinheiro para os bares mas, além disso, quem simplesmente não tem condições para estar sempre em casa (quem vive num quarto alugado, quem vive em casas sobrelotadas sem privacidade, etc) vai sempre ocupar mais a rua, bebendo ou não. Esta proibição é uma questão de classe. Irá servir como desculpa para mais violência policial e mais repressão contra os mesmos de sempre – ou alguém acha que os betos a beber à porta dum bar vão ter o mesmo tratamento que os jovens negros ou os asiáticos que vendem cerveja na rua? É esse, aliás, o espírito da "lei mordança", no reino espanhol, que proíbe beber na rua - a mesma lei que serve para reprimir manifestações e autoriza a polícia a fazer o que lhe apetece.

Não se trata só dos interesses dos donos dos bares, ou dos vizinhos ricos e chatos. É uma disputa sobre a própria cidade, sobre o próprio espaço público. Não querem que bebamos na rua, não querem que andemos por aí a vadiar, não querem que incomodemos a cidade cartão-postal. Querem privatizar o espaço público. Querem que tudo seja à base do consumo. Comprar uma litrosa na mercearia e ir beber na rua? Coisa de vagabundo. Sentar numa esplanada e beber cerveja ao triplo do preço? Já é a «vibrant nightlife™» que merece ser promovida em revistas de turismo. Um facto curioso: na rua Augusta, há mais de 1200 cadeiras de esplanada, mas nenhum banco público.

A rua é para ser vivida. É um local de encontro, onde se cruzam pessoas de realidades, origens e classes sociais diferentes. E, como é dos poucos lugares onde dá para se estar sem pagar, ainda é nossa – e isso incomoda. Querem-nos fechados em casa, ou bem-comportados dentro dos estabelecimentos comerciais. Continuemos a beber e a andar na rua, mesmo que para isso tenhamos de comprar a bebida mais cedo. Ocupemos o espaço que nos querem tirar!

# TRABALHAR MATA E QUEREMOS VIVER

A idade da reforma em Espanha anda à volta dos 65 anos desde 1919. Naquela altura, a esperança de vida à nascença era de pouco mais de 40 anos, ou seja, esperava-se que as pessoas falecessem ainda a trabalhar. A reforma era algo que, para quem tinha a sorte de a alcançar, se vivia em condições que nada tinham a ver com o sonho dum retiro tranquilo. As duras condições no campo, nas fábricas e noutros trabalhos causavam estragos no corpo humano, que a muito custo tinha sobrevivido até à idade de, finalmente, poder deixar de trabalhar.

A idade de reforma manteve-se constante durante mais de 100 anos. Só no final da década de 1960 é que a esperança média de vida à nascença (que em 1970 já era de 72 anos) a ultrapassou pela primeira vez. Foi nos anos 80 que começámos a ver as primeiras gerações de pessoas reformadas com uma saúde moderada e que podiam desfrutar de passeios, da família e até de pequenas viagens depois de 40 anos de descontos. Foi nessa época que começámos a ouvir certos iluminados e gurus do capitalismo prever que o modelo era insustentável e que seria necessário incentivar a criação de fundos de pensões privados ou aumentar a idade de reforma. Essas vozes, infelizmente, continuam presentes ainda hoje; aliás, já conseguiram o seu propósito em várias regiões do mundo. Dá a sensação de que o sistema colapsa quando as pessoas deixam de morrer a trabalhar.

Já nos anos 20 do século XXI, a esperança de vida nos países europeus supera largamente os 80 anos (em Espanha é de 84 anos), de modo que as pessoas que se reformam costumam chegar a essa fase com alguma qualidade de vida. As melhorias na alimentação, nas condições de trabalho e nos cuidados de saúde fizeram com que as novas gerações de reformados chegassem com vontade, força e, alguns, com dinheiro para desfrutar do tempo sem ter de trabalhar, sem horários, sem turnos de refeição, sem chefes... Conseguem imaginar? Claro que certos poderes económicos continuam a pensar que estas pessoas ainda têm demasiada energia e poderiam continuar a trabalhar. Estou certo de que o sonho húmido de certas classes sociais seria que a idade da reforma voltasse a estar acima da esperança média de vida à nascença.

Há muitas pessoas que, no momento da reforma, já não ocupam o papel de desvalidos ou de pessoas que necessitam de cuidados. Mas continuam a existir exceções. Ser relegada para o fundo de um quarto ao cuidado de uma mulher, seja esta a nora, a filha ou a trabalhadora doméstica, ou ser

estacionada em lares de idosos, como acontece mais recentemente, é uma realidade. O viés patriarcal que assume ou atribui à mulher a principal responsabilidade pelas tarefas de cuidado continua muito vivo e presente em ambos os casos, sendo os lares um setor em que mais de 85% da força de trabalho é composta por mulheres, em Espanha.

A grande maioria das pessoas reformadas, no entanto, tornou-se um importante ator da vida social e económica das envelhecidas populações da Europa ocidental. De facto, devido à situação económica e social, o papel destas pessoas mais velhas, ainda capazes, transformou-se no de quem apoia nas tarefas de cuidado. As pessoas reformadas, muitas vezes as avós, tornaram-se um apoio crucial em famílias esmagadas pela obrigação de passar longas horas no trabalho, precisando de alguém que vá buscar os filhos à escola, que os vista, que lhes dê de comer...

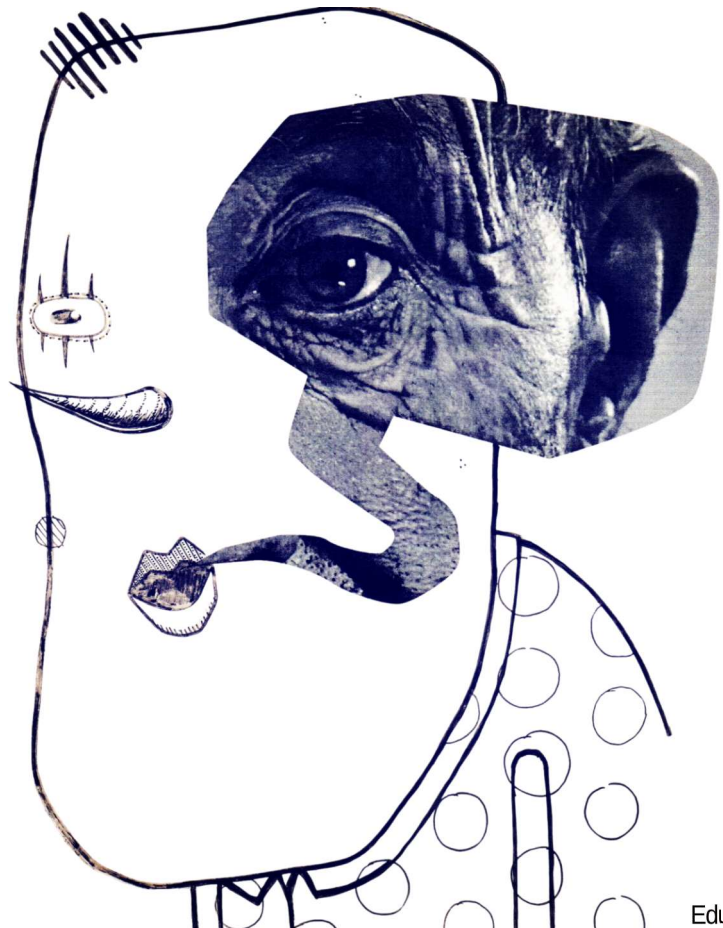
Mas conseguem imaginar se não fosse necessário chegar à reforma para poder desfrutar plenamente da vida? Imaginem o

que seria viver e experimentar a existência sem as pressões do capitalismo, sem o dever de trabalhar uma vida inteira para poder consumir bens de primeira necessidade ou conceder-nos algum capricho. Dedicar algumas horas do nosso dia a tarefas que servissem diretamente a comunidade, seja no campo, na indústria, na arte, na ciência, na medicina... Isso seria o nosso "trabalho". Passamos, no melhor dos casos, 40 horas por semana a fazer, na sua maioria, tarefas inúteis, que apenas fazem com que a empresa em que trabalhamos fature mais alguns milhares de euros por mês.

Ainda existem muitos trabalhos que, prolongados no tempo, implicam esforços extenuantes para a mente ou para o corpo de qualquer pessoa, o que muitas vezes provoca um profundo mal-estar vital que pode desembocar em ansiedade, depressões, etc. Não é difícil imaginar por que razão, no mundo em que vivemos, as pessoas anseiam pelas férias ou pela reforma — aquelas que, claro, se podem dar a esse luxo. Porque nem toda a gente chega à reforma em condições físicas ou mentais particularmente favoráveis para a desfrutar.

Raúl Granados B

## EXPERIÊNCIA



# AGORA AS MULHERES JÁ TRABALHAM?

Fala-se muitas vezes da incorporação das mulheres no mundo do trabalho. A incorporação é a ação de incorporar ou incorporar-se, incluir-se, integrar-se, aderir-se. Unir-se a algo do qual, até ao momento imediatamente anterior, se estava separado. Curiosa escolha de palavra, dado que as mulheres – seja lá o que isso tenha significado ao longo do tempo – sempre trabalharam. Pelo menos desde que, nas sociedades pré-industriais imediatamente anteriores ao início do capitalismo, se começou a conceptualizar o termo trabalho como algo diferente das diversas formas de atividade e subsistência que tinham estruturado as sociedades anteriores — e que, em qualquer caso, as mulheres também tinham desenvolvido. Como é que alguém se incorpora em algo de que já faz parte?

Entre os séculos XVI e XVIII, as mulheres contribuíam a cada dia com o seu trabalho para o funcionamento das suas sociedades. Os discursos oficiais dessa época, emitidos a partir dos poderes religiosos ou morais, criaram arquétipos do que deveria ser uma mulher, baseados, ainda que com algumas nuances, na ideia de que deviam manter-se dentro do lar, ser obedientes, submissas e orientar os seus objetivos de vida para a reprodução e para o cuidado do lar e da família.

No entanto, esses discursos não refletiam a realidade das mulheres mas tentavam antes

moldá-la. Pretendiam ser uma influencia para que se adequassem a essas ideias, o qual não significa que o tenham conseguido. Na verdade, os próprios moralistas e teólogos queixaram-se frequentemente de que o que sucedia era precisamente o contrário do que pretendiam. Por exemplo, o escritor Pedro Galindo, autor dum desses escritos intitulado Verdades morales e publicado em 1678, dizia que “nunca esteve o mundo pior do que na era presente”, nunca estiveram “as mulheres mais livres, as donzelas mais desavergonhadas”.

Apesar disso, a ideia que prevaleceu foi a de que as mulheres estavam realmente confinadas ao lar e dedicadas ao cuidado da casa e da descendência. Nada mais longe da realidade, dado que elas, muito frequentemente, desempenhavam atividades laborais afastadas disso. Nas cidades europeias, as principais ocupações que desempenharam foram o serviço doméstico, o comércio a retalho e a produção manufatureira. Muitas trabalhavam nas hortas, nas lojas, vendiam comida nas ruas, teciam roupa, tinham tipografias, vendiam livros, eram parteiras, geriam tabernas e estalagens, vendiam materiais de construção como tijolos ou madeira e trabalhavam dentro de oficinas artísticas de pintura, tapeçaria ou ourivesaria. Também trabalhavam nos campos.

As mulheres constituíam a mesma percentagem da população e estavam no mundo tal

como estamos agora, formando aproximadamente metade da população mundial e estando presentes em todos e cada um dos aspetos da vida. Isso ficou plasmado na obra Día y noche en Madrid de Pedro de Zabaleta, publicada a meio do século XVII, na qual a personagem principal vai narrando um dia qualquer nessa cidade e, entre outras coisas, encontra numerosas mulheres a desempenhar as suas ocupações. Ao acordar, espreita pela janela e vê uma mulher que trabalha como criada a tirar água de um poço. Depois, ouve chegar uma vendedora de tortilhas de leite, chamada pelo vizinho de cima. A caminho da missa, encontra duas mulheres que descreve como “duas ciganinhas jovens, que já conhece”, e outras mulheres: uma grávida, uma viúva e uma lavradora. Inclusivamente ao entrar na igreja e, mais tarde, ao reunir-se no cemitério com conhecidos, dirige-se a todas as mulheres que passam. A todas elas incomoda com comentários de teor assediador.

Mesmo tendo em conta de que se trata de uma obra literária e que foi escrita com um objetivo moralista, abre-nos uma janela, como muitos outros escritos da época, para uma realidade muito diferente daquela que nos foi contada, na qual as mulheres, longe dos papéis de género que se pretendiam impor a partir das esferas de poder, ocuparam as ruas e as praças, as casas e os locais de trabalho, tal como todas as outras pessoas.

Alba Gómez

## KRYSANTHEMUM

alcyon



# A CONTINUIDADE COLONIAL

Se se olhar para o país e para os países ocidentais, antigos impérios coloniais e actuais potências neocoloniais, salta à vista que os filhos e os netos de quem construiu o império europeu são os que trabalham hoje no sector da construção, são, de forma significativa, os que trabalham nos cuidados de saúde dos lares de idosos, nas limpezas de diversos sectores de atividades e serviços, ao mesmo tempo que são, em termos de relação com a sua presença no território, os que vivem em maior número em zonas periféricas do país, zonas com menor acesso a transportes, serviços e cultura, assim como são os que vivem não só em habitações sobrelotadas como as mais precárias.

São eles portanto, os trabalhadores de base que têm as condições de trabalho mais precárias, isto é, os que trabalham em contextos de maior insegurança, não só em termos da sua integridade física, mental e emocional, como em termos económicos - são os que têm menos vínculos laborais formalizados, que são mais facilmente des-

pedidos, que passam mais tempo desempregados e os que têm menor acesso a protecção no desemprego -, como são também os mais mal pagos - os seus ordenados por hora/dia de trabalho são mais baixos.

Isto significa que são os que têm menos possibilidade de obter boa alimentação, menos poder de custear os cuidados de saúde, habitação e educação, e garantir tais direitos aos seus descendentes. E por consequência, dado a proliferação precária das duas condições de trabalho nas outras dimensões da sua vida, os que têm menor poder reivindicativo, face à dificuldade sistematizada (organizada) que os impede de condições para construir formas e instrumentos de luta para se defenderem e ganhar independência, a começar pelo trabalho.

A origem de tudo isto está, podemos dizer, "[n]a máquina de produção montada pelos impérios coloniais no século XIX [que] continua a alimentar as necessidades de mão-de-obra da economia atual: tal como os seus

antepassados construíram os impérios europeus, os seus filhos e netos constroem hoje os prédios, as autoestradas e as fábricas nos países para onde emigraram, mantêm-nos a funcionar, limpam-nos, tratam da sua manutenção; em suma, são o operariado atual", constata as investigadoras Ana Vaz Milheiro e Ana Rita Fernandes, no âmbito do Estudo *Paisagens Coloniais e Pós-Coloniais: Arquitetura, Cidades e Trabalho*.

As políticas de Migração e de trabalho actuais, que vão sendo desenhadas nos territórios dos países europeus, então potências e impérios coloniais, a somar às políticas neocoloniais de extração de bens nos territórios então colonizados, a que a linguagem política burguesa actual chama de cooperação, mantém o ideal e o legado desse passado, já que continuam a usurpação por duas vias: desenha caminhos para absorção e exploração de mão-de-obra migrante para a continuidade da construção das infraestruturas e serviços coloniais na metrópole e na possessão directa de bens além-fronteiras.

Carlos Rafael Teixeira

## ISRAEL E O ANTI-SEMITISMO

Um dos argumentos usados contra quem critica a existência do Estado de Israel baseia-se no antissemitismo, ou seja, criticar Israel seria equivalente a criticar toda a comunidade judaica. É verdade que existem milhões de judeus críticos do Estado de Israel, o que poderia desmontar o argumento inicial. Mas antes, temos que recuperar os fundamentos do anti-semitismo, pelo menos alguns deles.

Há mais de mil anos que as comunidades judaicas sofrem ataques organizados por toda a Europa, os chamados pogroms, pela aversão entranhada que existe aos judeus. Em épocas de instabilidade é sempre mais fácil acusar comunidades minoritárias dos males do mundo. Os judeus foram perseguidos nos reinos cristãos e muçulmanos da península ibérica e expulsos de Inglaterra no século 13; foram o principal alvo, com os muçulmanos, da Inquisição, a partir do século 15; nos séculos seguintes, inúmeras perseguições ocorreram na Europa central e de leste; no século 20, foram o bode expiatório do nazismo e até da União Soviética a partir de 1936. E ainda hoje é possível assistir a críticas moralistas do "sistema" financeiro, que ignoram a estrutura do capitalismo e rapidamente se transformam em ódio aos judeus, como se, na sua maioria, fossem todos ricos.

A Inquisição ibérica é, no entanto, um dos casos mais relevantes, uma estrutura com

leis, tribunais e propaganda para perseguir judeus e muçulmanos, obrigados à conversão ou à expulsão. Com os recém-convertidos normalizou-se a desconfiança, mantendo-se a Inquisição de pé durante séculos. O objectivo era uma limpeza étnica. A península ibérica, no resto da Europa, era vista como menos pura, dada a mistura entre várias populações e religiões. O conceito de "limpeza de sangue", introduzido em Toledo, em 1449, impedia cristãos com antepassados judeus ou muçulmanos de ocupar cargos públicos e é um exemplo do início do uso de supostas características biológicas usadas como armas ideológicas para categorizar os diferentes seres humanos.

Não é coincidência, então, que a Inquisição tenha sido um dos pilares da colonização da América, liderada precisamente pelas sociedades ibéricas e que assentava na evangelização, controlo cultural, repressão, castigo e morte. Foi, no entanto, ao contrário da Inquisição, uma ocupação de terras alheias à força, com uma racionalização da violência exercida sobre milhões de pessoas nunca antes vista. A categorização dos vários seres humanos atingiu outros níveis, graças à tortura, à escravatura, ao trabalho forçado, à propaganda das ordens religiosas: as sociedades coloniais eram rigorosamente disciplinadas. Milhões de pessoas foram obrigadas a mudar a sua visão do mundo e o seu modo de vida, torturadas e escravizadas para que

se pusesse em marcha um novo sistema económico. Foi o início do racismo moderno e do capitalismo. Como pode o povo judeu esquecer-se de que a sua própria opressão durante a Inquisição foi uma das bases ideológicas que fundamentou o suposto dever cristão de colonizar e escravizar os povos invadidos?

Este é um dos pontos-chave para entender a crítica a Israel, um projecto colonial desde o início. Aquelas terras já estavam ocupadas e isto é tão verdade que os grupos israelitas que invadem a Palestina são chamados de "colonos". Não é coincidência. Walter Benjamin, um teólogo judeu, já tinha avisado que o sionismo, a base para a construção do Estado de Israel, era uma ideologia racista. Israel é um Estado bully e terrorista que, com a ajuda militar dos EUA, ataca qualquer país vizinho, com consequências catastróficas, como agora com o Irão. As nossas sociedades, se querem mesmo combater o anti-semitismo, devem celebrar a diferença, acolhendo qualquer judeu que queira abandonar Israel mas também qualquer outra pessoa que aqui queira viver, reconhecer o erro histórico da Inquisição e do colonialismo e rejeitar a existência do Estado de Israel. Porque "(s)e alguém disser: «Eu amo a Deus», mas odiar a seu irmão, é mentiroso pois quem não ama a seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?" (I João 4:20).

A. Duarte

# O HORIZONTE DE EVENTOS segunda parte

## III

“No entanto, as investigações mais recentes afirmaram que na realidade essa barreira, tão impenetrável, por vezes deixa escapar algumas informações. Estamos a falar de dados de tipo quântico que, segundo o famoso teórico Stephen Hawking, são emitidos nas proximidades do horizonte de eventos. Esse processo tão misterioso, que supõe uma fuga de partículas de algo que sempre foi considerado um monstro aspirador, recebeu o nome de Radiação de Hawking.”

Paula abriu os olhos de repente, sentindo-se como naquela vez em que um pesadelo terrível perturbara o seu sono tranquilo. Demorou alguns segundos a aperceber-se de que estava bem. A sua leitura tinha sido interrompida por uma tontura repentina. Olhou à sua volta. Olhou para as suas pernas, acomodadas no banco de sempre, o seu sítio preferido. Nada podia correr mal enquanto estivesse ali. Olhou para as suas mãos, que pareciam tremer um pouco. De repente, lembrou-se de algo muito importante. Levantou o olhar e teve uma incrível sensação alívio. Elena estava ali, no recreio, a brincar feliz com outras crianças.

A mãe levantou-se com um grande sorriso e começou a caminhar na sua direção. Os seus pensamentos projetaram-se no futuro. Muitas vezes imaginava vê-la crescer. Deliciava-se com a ideia das tantas coisas que poderia fazer com a filha, de todo o tempo que ainda teriam pela frente. Com esses pensamentos a guiarem-lhe os passos, Paula chegou à vedação do parque infantil. Abriu o pequeno portão e entrou. Elena reparou nela imediatamente e devolveu-lhe o sorriso. Correu até ela. Viu a mãe a agachar-se e abrir os braços. Evitou, por um triz, chocar com um menino que ia a andar de baloiço. Faltavam poucos passos para abraçar aquele corpo, já conseguia sentir aquele cheiro tão inconfundível. A sua pequena mão mal tocara a da mãe quando notou uma espécie de faísca. Elena não sabia o que era, mas sentiu algo estranho, inquietante. Diante dos seus olhos incrédulos, a mãe estava a desmaiar.

## IV

Paula encontrava-se num lugar sem espaço nem tempo. Atrás de uma barreira intransponível, observava uma cena que lhe recordava um episódio da sua vida. Diante dos seus olhos via a filha, Elena, a brincar naquele recreio que parecia pertencer a outra época.

De repente viu a menina ser atingida na cabeça por um baloiço de madeira. Sofreu intensamente, como se estivesse a viver aquele momento pela primeira vez. No entanto, com infinita alegria, viu que a menina se levantava sozinha. A mãe, ela própria, queria alcançá-la e pegou-a ao colo. Elena não chorava, estava bem. As duas estavam bem.

Paula compreendeu o que estava a ver e isso trouxe-lhe alívio. Tivera a oportunidade de viver uma experiência irrepetível. Agora sabia que, numa versão do universo, poderia desfrutar da presença da filha. Na sua linha temporal, infelizmente, fora atingida por aquele ataque cardíaco que acabara com a sua vida. No entanto, algumas das vidas possíveis, as duas continuariam juntas.

A visão daquela cena foi inesperadamente suficiente.

Deixou-se cair para trás, transformando-se em energia pura. Esta, de acordo com a entropia, continuará a alimentar a direção da seta do tempo do universo. Enquanto se transforma noutra essência, espera intensamente que a força que agora se liberta possa oferecer também um único segundo de tempo a mais ao seu doppelgänger.

Stefano D'Alessio

## RECEITA PLANTAR GIRASSÓIS

1. Optar por sementes já tratadas para pragas e pestes.
2. Usar terra argilosa/arenosa (areia) em vasos ou num jardim.
3. Planear os sulcos de modo a ter pelo menos 6h de sol directo por dia.
4. Plantar entre Março e Maio (florescem no Verão).
5. Fazer buracos de 2,5 a 5cm de profundidade, e espaçamento entre 15 a 30 cm entre buracos (sulcos).
6. Regar moderadamente até se estabelecer (ganhar raiz), entre 500 a 650 ml de água por ciclo.

